

O ENSINO DO VIOLÃO EM GRUPO: uma experiência sobre a prática social do ensino do violão a partir de uma perspectiva descolonizadora.

Leandro Tavares Rondão¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a prática social do ensino de violão em grupo a partir de uma perspectiva descolonizadora. Com exercícios de improvisação realizados através da percussão corporal e do instrumento violão, busco o diálogo com os educandos(as). A coleta de dados se deu a partir de textos produzidos pelos educandos(as) relatando suas experiências a partir das atividades realizadas com eles e elas em momentos de aula. Como conclusão, apresento um caminho metodológico que se estrutura e se baseia na valorização da emoção, subjetividade, intuição e histórias de vida dentro dos processos educativos compartilhados nas aulas de violão.

ABSTRACT

This article aims to reflect the social practice of group guitar teaching from a decolonizing perspective. With improvisation exercises performed through the body percussion and the guitar instrument, I seek to dialogue with the students. The data collection was based on texts produced by the students describing their experiences from the activities performed with them and during the class times. In conclusion, I present a methodological path that is structured and based on the valuation of emotion, subjectivity, intuition and life histories within that the educational processes shared in guitar classes.

PALAVRAS CHAVE

Violão; prática social; experiência; educação.

CAMINHANDO COM O VIOLÃO

Escolher a melhor maneira para iniciar um artigo, e nesse caso uma apresentação minha, dizer quem eu sou, onde fui, onde estou e o que farei a seguir, não me é comum. Posso dizer que as coisas que mais fazem parte do meu dia a dia envolvem ser músico, professor e pai de família, e a experiência com tudo isso me mostra que não existem cartilhas a seguir e um plano de vida ideal e perfeito. Estou constantemente interagindo

1 - Músico, violonista, educador e estudante do curso de especialização “Histórias e Culturas Indígenas e Afro-brasileiras para a Educação”.

com as pessoas e o ambiente que nos rodeia, aprendendo e ensinando, e é um processo inacabado e que vai durar a vida toda.

Essa situação especial de conhecer como se conhece é tradicionalmente esquiva para nossa cultura ocidental, centrada na ação e não na reflexão, de modo que nossa vida pessoal é, geralmente, cega para si mesma. Parece que em alguma parte há um tabu que nos diz: “É proibido conhecer o conhecer”. Na verdade é um escândalo que não sabemos como é constituído nosso mundo experiencial, que é de fato o mais próximo da nossa existência. Há muitos escândalos no mundo, mas essa ignorância é um dos piores. (MATURANA e VARELA, 2001, p. 30)

Trago comigo, marcado no meu corpo, a experiência com a música, interagindo com as pessoas através do violão, instrumento que me acompanha desde a adolescência. Aos 13 anos tive meus primeiros contatos com o instrumento através de um primo e comecei a ter aulas em uma escola de música perto da minha casa em São Bernardo do Campo. Sempre tive apoio dos meus pais em tudo mesmo decidindo seguir com a música e ingressar na universidade onde me formei bacharel em violão erudito na Faculdade de Artes Alcântara Machado - FAAM. Aos poucos fui encontrando meu espaço no mercado de trabalho.

Ingressei em duas escolas nas quais trabalhei por 6 anos. A Vivo Som do lado da minha casa foi a escola onde comecei meus estudos de violão e primeiros contatos com a música. Estava no meu último ano de faculdade de música, bacharel em instrumento-violão, comecei a trabalhar também em outra escola chamada Riff Musical em Santo André, de ambiente descontraído e com mais variedade de professores ao mesmo tempo, lá eu encontrava com uma diversidade de colegas professores que mal conhecia e compartilhava experiências e saberes.

As aulas tinham a duração de uma hora e nesse tempo eu conseguia me relacionar com os alunos de uma maneira que surgissem ali as ideias e o caminho a seguir na prática musical das próximas aulas. Muitas vezes eu aproveitava uma ideia que surgia dentro de uma aula, ou nos corredores em uma conversa com outros professores, para reaplicar novamente com outro aluno em outra aula. É claro que o resultado nem sempre era o mesmo, já que:

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética um modo de conduzir-se e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, amenos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (Larrosa Bondía, 2002, p.27)

O saber da experiência sempre esteve presente nas aulas de violão, e agora, depois de aprendizagens, ensinamentos e trocas de experiências é possível reconhecer que através dele que se fazia possível o desenvolvimento particular de cada um, inclusive o meu. Ao trazer para a aula determinados exercícios ou canções, mesmo que comum a todas as aulas, cada um assimilava, absorvia, adaptava ou executava à sua maneira. Os alunos que vinham tomar aulas comigo nessas escolas eram de idades variadas, crianças, adolescentes e adultos. Vinham com objetivos diferentes e específicos. Para as escolas era importante manter o aluno ali estudando comigo pela maior tempo possível, isso gerava renda para a escola e para mim e também dava tempo para movimentar o público de alunos ali, desenvolvendo-os e realizando trocas entre eles nas apresentações de final de semestre e final de ano.

Acredito que estava ali, de alguma maneira, conduzindo, propondo e elaborando as aulas a partir do saber da experiência, no caso meus saberes e dos estudantes. Ser um transmissor de conhecimentos científicos, da técnica pura do violão não ia funcionar, iria perder os alunos e conseqüentemente o meu emprego, e pior, seria um péssimo professor. A grande maioria das pessoas que procuram iniciar no violão já faz paralelamente um estudo no ensino formal, colégio ou faculdade, ou têm foco na carreira profissional, por isso procuram o violão como um lazer e um meio para socializar com os amigos. Para cativar, fazer com que os encontros fossem além de exercícios de arpejos, escalas, dedilhados etc, foi preciso buscar uma prática pedagógica que viabilizasse outras experiências que colaborassem para o desenvolvimento dos educandos e educandas, tanto técnica quanto afetivamente. A partir daquela prática social, aquele ambiente de trabalho,

os colegas e os alunos, a partir da interação com tudo isso fui percebendo que o melhor caminho era tratar cada educando como um ser especial e me desenvolver junto com ele, deixar a intuição e a emoção guiar um pouco as aulas, tanto a minha como as dos educandos e educandas participantes.

Cabe aqui uma definição acerca da prática social, é através dessa experiência que eu vou me formando, construindo a minha identidade, compartilhando saberes e refletindo sobre minha ação em sala de aula como professor de violão e como indivíduo.

Práticas Sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. (OLIVEIRA e Col 2009, p. 4)

Penso na prática social como opção metodológica, condutora dos caminhos e processos que surgem durante as aulas, vejo também como objetivo principal das aulas de violão o propósito de produzir interações entre os indivíduos e deles com o meio em que vivem com o fim de transmitir valores e trocas de experiências de vida entre os integrantes do grupo.

É bom reavivar a memória para esses fatos, poderia ficar mais pensando no assunto e lembrando os detalhes, mas é melhor prosseguir. Aconteceram as primeiras experiências com aulas em grupo, fui contratado por um ano como oficinaireiro em São Bernardo do Campo, dei aulas em dois pólos. As pessoas que vinham tomar aulas comigo não pagavam nada, era um curso gratuito oferecido pela prefeitura. Senti que muitos me recebiam de braços abertos, tinham carinho por mim, principalmente os adultos e aqueles de mais idade.

Eu estava com 27 anos e aos poucos minha vida foi mudando pessoal e profissionalmente. Minha prática musical como professor de violão já não envolvia aulas individuais com o instrumento, estava agora em locais onde esses momentos se davam em grupo, e isso me trouxe um novo olhar para a maneira e os caminhos que devo seguir nessa prática social de aprender e ensinar violão em aulas coletivas.

Consegui uma entrevista para trabalhar no programa Fabricas de Cultura da zona leste de São Paulo. Estou trabalhando lá desde então como educador de violão, já vão fazer 5 anos que estou lá. Tem sido transformador, minha função lá é outra, meu cargo é de arte-educador. Demorei um tempo para perceber que desde que comecei a lecionar sou um educador, é muito além de professor de violão.

Esse novo trabalho me trouxe isso. Ali tive palestras sobre educação e o convívio constante com outras artes, desenho, dança, capoeira, xadrez, circo, teatro, street dance, DJ, bordados e outros instrumentos musicais na área da música. As trocas e interações com as outras áreas me trouxeram novas visões sobre minha atuação em sala de aula com os aprendizes, lá as crianças não são chamadas de alunos. As aulas são em grupo e com as idades de 8 a 17 anos na mesma sala de aula.

A prática a principio é desafiadora, mas aos poucos, com conversa, reflexão e muita música também, os alunos vão descobrindo no interagir com o outro coisas instigantes relacionadas ao violão e outras não. Já me deparei com alunos com mais tempo de curso ensinando os iniciantes a tocar violão. Em momentos de crise, atrito, brigas ou discussões, já me deparei com os alunos mais velhos da turma, com mais idade, corrigindo, conversando e refletindo com os mais novos sobre as atitudes que estão tomando. Acredito muito no respeito na sala de aula e nesse ponto o violão é apenas um caminho para atingir esse fim. “Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros.” (MATURANA, 2001, p. 30)

Já se passaram cinco anos que estou neste projeto, chego por fim a alguns questionamentos acerca da prática social em sala de aula e o ensino do violão. Minha formação eurocêntrica prioriza a razão e a técnica como objetivos da prática, questiono estes valores e acredito que a emoção, a subjetividade e a criação devem ser inseridas na prática como forma de libertação dos(as) educandos(as) através do convívio e da experiência de tocar o violão em grupo. Aqui o violão é um caminho, um instrumento para um fim maior.

CAMINHANDO COM MOTIVAÇÃO

Só temos o mundo que criamos com os outros e só o amor nos permite criar um mundo em comum com eles. (MATURANA e VARELA, 2001, p.270)

O que me move para a pesquisa é a busca constante para compreender como a partir da valorização de diferentes experiências podemos, de tantos e diferentes lugares, termos uma prática educativa humanizadora, que transforma e liberta. Acredito que como educador estou significando o violão de forma que o instrumento seja objeto de aprendizagens, trocas e transformações. Aqui se inicia um processo de reflexão que vai me levar a lugares, pessoas, acontecimentos que não posso prever. Reconheço que não existem certezas e é necessário estar sempre aberto, “toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro” (MATURANA e VARELA, 2001, p. 22). É através da relação com o(s) outro(s) que é possível realizar uma prática social transformadora.

Tendemos a viver em um mundo de certezas, de solidez perspectiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que não é certo. Essa é a nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humanos. (MATURANA e VARELA, 2001, p. 22)

Escrevo esse artigo como uma síntese de tudo aquilo que o curso de pós-graduação em Histórias e Culturas Indígenas e Afro-brasileiras me proporcionou e me fez refletir de acordo com minha experiência pessoal como educador e professor de violão. Através dos diálogos em sala de aula com meus colegas e professores, neste momento com minha orientadora e através das leituras e referências no assunto, acredito ser possível questionar algumas certezas de uma educação eurocêntrica que prevaleceu na minha formação e prevalece nos ambientes de trabalho onde estou presente.

Aceita-se como evidente que a cultura européia é a cultura universal. Este universalismo não é mais do que o universalismo abstrato de uma particularidade que abusivamente se arroga a universalidade, e que com isso nega todos os outros particularismos e exterioridade das outras culturas. Surge

assim o mecanismo pedagógico da dominação cultural. No centro está a cultura que se pode chamar imperial, no sentido mais forte: aquele que impõe, por seu intermédio e vontade, o que é seu. Logo aparecerá uma cultura colonial; esta cultura colonial vai se desdobrar, porque nela haverá uma elite ilustrada e um povo. (DUSSEL, s/d, p. 270; APUD SILVA 2011, p. 60).

O que me motiva aqui na elaboração deste artigo e faz parte de seu objetivo é a desconstrução da realidade imposta pelo colonizador, no que diz respeito aos métodos de ensino e aprendizagem do violão. Isso se relaciona diretamente com a minha prática dentro de sala de aula onde não acredito ser possível aprender e ensinar em aulas de violão coletivas através de uma metodologia e tradição européia que prioriza a razão, utilizando-se apenas de elementos técnicos e específicos do instrumento como caminho para a prática social do ensino do violão.

Nesse modelo de educação europeu que herdamos, a emoção e o sentimento não fazem parte do aprender e do ensinar. Somos separados como peças e usamos cada peça em determinado momento, como convém para servir e manter esse modelo de educação ao qual fomos e somos submetidos. (SILVA, 2011, p. 84)

A EXPERIÊNCIA: O caminho metodológico

A proposta do presente artigo parte de minhas experiências enquanto professor, em diálogo com educandos e educandas. Este diálogo se deu por meio de trocas de experiências nas aulas de violão, foram realizadas rodas de conversa, atividades corporais, jogos e improvisações. O processo se deu nas aulas do último mês de abril.

As atividades de campo para a coleta de dados desta pesquisa foram realizadas com duas turmas de adolescentes com faixas etárias que variam entre 8 e 17 anos e uma turma de adultos com faixa etária predominante de 50 anos, ambas da Fábrica de Cultura de Vila Curuçá na zona leste de São Paulo no primeiro semestre de 2018. Através do relato dessas experiências será possível compreender a relação de cada indivíduo com a turma e com o violão para então refletir sobre os caminhos para uma prática educativa saudável, libertadora e criativa.

A atividade se iniciou com todos de pé em forma de roda e sem os violões. Propus jogos que aprendi em oficinas realizadas por membros do grupo Barbatuques², o caminho foi construído com os seguintes passos:

1- Jogo das Flechas: Uma pessoa escolhe através do olhar alguém da roda, certifica-se de que o outro recebeu este olhar, e bate uma palma (Pá) em direção à outra pessoa como se imitasse o gesto de lançar uma flecha. Aquela pessoa que recebe a flecha repassa para outra pessoa na roda, que pode ser inclusive a mesma pessoa que enviou para ele. O jogo prossegue e todos devem estar atentos para receber a palma. O mesmo é feito com o som do pé batendo no chão (Tum). Na próxima etapa cada pessoa lança dois sons, um com o pé (Tum) e outro com as mãos (Pá). Conforme a turma se apropria do jogo surgem células rítmicas, o grupo passa interagir através da pulsação musical.

Na sequência, em roda uma pessoa vai dizer o seu nome da maneira que desejar, esticando uma sílaba, acentuando outra, forte ou fraco, grave ou agudo. Enquanto está dizendo o seu nome vai fazer um movimento corporal junto. Após isso todos na roda devem imitar essa pessoa e ao mesmo tempo dizem o nome da maneira que foi pronunciada e também fazem o gesto com o corpo. Todos na roda se apresentam para a turma, eu costumo ser o primeiro para servir como exemplo. Nas turmas mais descontraídas costuma ser divertido e cheio de risadas, nas turmas mais inibidas é uma forma de se soltar.

2- Jogo do Eco: continuamos em roda de pé e sem os violões. Incentivei a turma a explorar todos os sons que o corpo pode produzir desde os pés, passando pelas pernas, barriga, peito, mãos, bochecha, boca e voz. A partir deste material sonoro uma pessoa da roda inicia a prática executando uma pequena sequência de sons criada no momento, em seguida o grupo repete a frase proposta. Todos os participantes devem criar a sua sequência de sons.

3- Jogo do Refrão/Improviso. Eu propus um ritmo musical executado no meu corpo para ser feito em uníssono pelo grupo. Em seguida à execução é acrescida uma marcação bem discreta do pulso com leves estalos de dedos que possui a mesma duração

2 - Fundado em 1995, o grupo musical paulistano desenvolveu ao longo de sua trajetória uma abordagem única da música corporal através de suas composições, técnicas, exploração de timbres e procedimentos criativos. (<http://barbatuques.com.br/pt/sobre/> - Acesso em 05/06/2018)

do ritmo proposto. Alternamos essa frase refrão que eu trouxe para a turma com um improviso individual que foi realizado durante a marcação do pulso com os estalos de dedos. Todos na roda fazem o seu improviso através de frases corporais criadas no momento. Acredito que esses jogos podem ser realizados por todos independente de nível técnico ou musical da turma porque utilizam apenas o corpo.

4- O último passo foi realizar o Jogo do Eco e o Jogo do Refrão/Improviso em roda, sentados com os violões. Como educador procuro perceber a potencialidade da turma, qualidades técnicas e rítmicas que os educandos e educandas já trazem consigo, e iniciar os jogos com sons percussivos no violão inicialmente, para depois ir colocando alguns elementos da técnica do violão, toques de corda solta, melodias na primeira corda, acordes, frases no baixo e ir evoluindo gradualmente de acordo com o desenvolvimento da turma. Após os jogos fizemos uma roda de conversas com o objetivo de esclarecer idéias e posições, e, sobretudo trazer para o grupo as percepções, emoções e a subjetividades de cada um. A roda de conversas foi o caminho e a conexão dos(as) educandos(as) comigo e com o artigo.

A Roda de Conversas é um meio profícuo de coletar informações, esclarecer idéias e posições, discutir temas emergentes e/ou polêmicos. Caracteriza-se como uma oportunidade de aprendizagem e de exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas. A conversa desenvolve-se num clima de informalidade, criando possibilidades de elaborações provocadas por falas e indagações. (SILVA e BERNARDES, 2007, p. 54)

Com a roda de conversa é possível, através da aceitação e do respeito ao outro, criar um ambiente para a convivência o grupo onde todos possam compartilhar as suas experiências. Pedi para os educandos e educandas escreverem em uma folha de papel um relato sobre o que sentiram com a prática dos jogos e através desses relatos fazer uma reflexão a respeito desta prática social. Neste momento o principal é desenvolver uma metodologia baseada na confiança, no afeto, na criação, no respeito, na aceitação e na convivência.

CRUZANDO FRONTEIRAS: Um olhar afetivo

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*. (...) O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. (FREIRE, 1996, p. 83)

Acredito que o exercício da curiosidade é saudável para todos e todas, independente do lugar ou faixa etária em que isso vai se dar. Foi a curiosidade que me fez interessar pelo violão e me deixou fascinado pelos seus sons e tudo que acontecia com o instrumento. Às vezes ainda me lembro daquela sensação inicial de pegar no violão pela primeira vez sem entender nada e aos poucos sentir como o meu corpo pode vibrar junto com ele. Já faz tempo, mas ainda consigo sentir a magia de tocar as primeiras notas no violão e como isso mexe com os sentidos, o som, a madeira e até o cheiro. É possível sentir isso de vez em quando junto com aqueles que estão em sala de aula comigo pegando no violão pela primeira vez, as crianças trazem esse encanto novamente para mim.

É a curiosidade e esse encanto pelos sons do violão que movem a minha prática educativa em sala de aula. Isso me faz chegar a esse artigo e a questionamentos sobre os caminhos para essa prática. Deste modo, o objetivo geral deste artigo se configura em: apresentar uma experiência sobre a prática social do ensino do violão a partir de uma perspectiva descolonizadora.

Através desse artigo, das leituras, dos diálogos com minha orientadora e das experiências que tive nas aulas durante o curso de pós-graduação na casa tombada, busco me fortalecer enquanto educador e pesquisador. Quero apresentar aqui reflexões sobre as possibilidades de se criar uma prática social e educativa dentro da sala de aula onde as crianças toquem violão e aprendam a se relacionar com o mundo em diálogo, a partir de suas existências, da valorização de suas experiências, onde as crianças parem de ser apenas receptores e transmissores de informações e passem a “tomar a sua existência em suas mãos” (FIORI, 1986, p.08; APUD SILVA, p. 48).

Trago aqui apontamentos de caminhos que penso serem viáveis, possíveis e urgentes no que diz respeito a considerarmos as subjetividades em nossas práticas educativas, quando digo subjetividades falo sobre emoções, intuição, histórias de vida, experiências, vivências que dentro de nossas relações de afeto e amor nos constroem cotidianamente para o diálogo no e com o mundo.

Para Maturana “não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato” (2001, p. 22) e acrescenta:

Por isso penso também que, para que se desse um modo de vida baseado no estar juntos em interações recorrentes no plano da sensualidade em que surge a linguagem, seria necessária uma emoção fundadora particular, sem a qual esse modo de vida na convivência não seria possível. Esta emoção é o amor. (MATURANA, 2001, p. 22)

Maturana define o amor como emoção:

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. (MATURANA, 2001, p. 22)

Para o autor “não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção” e provoca:

Cada vez que escutamos alguém dizer que ele ou ela é racional e não emocional, podemos escutar o eco da emoção que está sob essa afirmação, em termos de um desejo de ser ou obter. Cada vez que afirmamos que temos uma dificuldade no fazer, existe de fato uma dificuldade no querer, que fica oculta pela argumentação sobre o fazer. (MATURANA, 2001, p.22)

É necessária uma desconstrução total, ir contra os princípios e normas estabelecidos pelo colonizador e a ordem hegemônica atual. Buscar uma prática que valorize o indivíduo e a sua subjetividade, bem como a emoção e a intuição. Através de jogos de improvisação e criação, desenvolver a autonomia e iniciativa do indivíduo.

A linguagem do colonizador, daquele que vem e invade, desapropria e não respeita, ainda é privilegiada, e as formas de expressar pelo corpo, pela arte ainda são pautadas em modelos europeus. Essa linguagem do colonizador é também a linguagem da mídia, dos meios de comunicação de massa, da internet, enfim, essas também são linguagens de dominação e colonização. (SILVA, 2011, p. 33)

É necessário mudar o esquema das aulas, negar aquele em que o professor é o transmissor do conhecimento, para assim, caminhar junto com a turma aprendendo e ensinando. É necessário um contato real com a emoção e a intuição em sala de aula, bem como a experiência dos eventos únicos de cada dia e momento.

Portanto, a aproximação com a cultura e tradição afro-brasileira ainda tratada como invisível, discriminada, rotulada e inferior, neste caso de transformação epistemológica, é imprescindível. Através da oralidade e da memória a cultura africana conseguiu transmitir princípios e saberes da sua tradição que dialogam diretamente com a proposta deste artigo. “Dentro de grupos e comunidades de matriz africana, o fazer e o aprender ocorrem ao mesmo tempo. A partir do convívio uns com os outros, é possível trocar experiências, conhecer a história e se reconhecer nela”. (SILVA, 2011, p.131)

Para que esse convívio ocorra, uma relação baseada na negação do outro vai impedir quaisquer relações sociais. Para Maturana esse convívio só vai se dar a partir da aceitação e do respeito ao outro.

Somente se minhas relações com o outro se derem na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência e, portanto, na confiança e no respeito, minhas conversações com esse outro se darão no espaço das interações sociais. (MATURANA, 2001, p. 69)

Em alguns casos, os valores impostos pela cultura eurocêntrica não estimulam a convivência, a aceitação e o respeito ao outro, pelo contrário, estimulam a negação do outro e a competição. Isso acontece, por exemplo, nos chamados concursos de violão onde os violonistas inscritos se apresentam para uma banca ou júri que avalia a execução das obras de acordo com os parâmetros técnicos e musicais de cada um.

A premiação pode variar desde ganhar um violão, concertos e bolsas de estudos em conservatórios e faculdades no exterior. O maior pedagogo brasileiro do violão Henrique Pinto, traz o elemento do concurso como um dos passos, um dos degraus da subida da escada para a profissionalização do violonista.

O termo “afetividade” tem um sentido bastante amplo no trabalho musical, ele faz parte desde o primeiro toque em seu instrumento e permanece por toda a vida ativa do intérprete. Afetividade é o relacionamento do violão e violonista; (...) saber quando você ouve um artista ou simplesmente um violonista; (...) orientar um aluno até a fase de ganhar um concurso ou fazer um concerto, enfim, são todos, fatos que poderão ocorrer durante a vida do violonista seja ele concertista, professor, compositor ou arranjador. (PINTO, 2006, p. 5-6)

Em contraponto Maturana questiona esses valores: “Como posso aceitar-me e respeitar-me se o valor do que faço se mede pela referência ao outro na contínua competição que me nega e nega o outro” (2001, p. 32). A competição e o olhar para a evolução técnica de cada um como melhor ou pior nega o outro, nega a si mesmo e não contribui para a convivência e, portanto não há fenômeno ou prática social. Henrique Pinto traz esse objetivo, da competição, dos concursos e concertos, através de uma “afetividade” que envolve o relacionamento entre violão e violonista, que é algo mais individual e característico da tradição musical eurocêntrica. Penso que para a prática social do ensino do violão em grupo a afetividade deve ser a relação entre os indivíduos do grupo, de pessoa para pessoa, para proporcionar trocas, transformações e experiências de vida onde o violão é veículo e meio para este fim.

Cabe dizer que não enxergo a tradição do violão erudito como algo problemático, trago ela marcada no meu corpo através de seus ensinamentos e lições, que de certa forma vou passar para frente para os educandos e educandas com quem me relaciono. O problema em questão aqui é a hierarquização que se repete historicamente na relação com outras tradições musicais e educacionais e a imposição eurocêntrica e colonizadora dessa “escola” européia do violão, como padrão oficial e, portanto, hegemônico.

Seguir uma carreira de concertista está muito mais acessível para uma classe social privilegiada que tem tempo, horas diárias de estudo, e também um instrumento de qualidade, que não é barato, feito artesanalmente por um luthier, especialista na

construção de instrumentos. Vale ressaltar que o apagamento das culturas indígenas e afro-brasileiras se dá cotidianamente pela desvalorização, pela desqualificação e inferiorização destas culturas em detrimento da valorização, reconhecimento e destaque de uma outra, na maioria das vezes esta valorizada e reconhecida é a cultura européia. Este trabalho busca abrir caminhos de diálogo para transformação e descolonização por isso é importante pontuar aqui tais questões, porém o aprofundamento destes pensamentos ficará para trabalhos futuros.

Para Henrique Pinto a história do violão tem início no século XVI onde “era tocado nas cortes e os músicos que praticavam eram cultos e protegidos pelos nobres” (2006, p. 7). Isso vai se dar na Espanha em uma época em que o violão era construído de uma forma diferente do violão atual. A história do violão está relacionada a grandes nomes que conseguiram elevar o violão a um “patamar superior”, passando pelo período de ouro do violão no século XVIII, com um declínio no século XIX perdendo espaço para os instrumentos de sonoridades mais brilhantes como o piano e o violino, para por fim chegar ao seu formato atual e ter uma nova técnica criada por Francisco Tarrega no final do século XIX, onde “o reflexo na sua história será o de colocar o violão em um patamar de igualdade com todos os outros instrumentos” (2006, p. 12)

Seu trabalho visa todos os aspectos do violão, desde o mais rudimentar exercício até a execução dos mais intrincados problemas que possam surgir na execução de uma peça. Tárrega procurava resolver todos os problemas que fossem surgindo durante o período de preparo de um repertório. Seu sistema de estudo incluía fazer exercícios durante um largo período; escalas, arpejos, ligados, acordes e todos efeitos instrumentais, para em seguida estudar as obras, desta forma não haveria surpresas de dedilhados. (PINTO, 2006, p. 12-13)

Em contra partida o africano, nascido no Mali, Hampaté Bâ no capítulo *Tradição Viva* traz ensinamentos acerca do conhecimento e da oralidade na sociedade africana tradicional. Ele diz que “a educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo dispensada durante toda a vida. A própria vida era a educação” (2010, p. 202). A educação não se limita a vencer um concurso, concluir uma graduação, especialização ou

qualquer grau acadêmico, a educação dura a vida inteira e é, sobretudo, vivenciada em como lidamos com as tantas surpresas que esta nos proporciona.

Um homem idoso encontrava sempre outro mais velho ou mais sábio do que ele, a quem pudesse solicitar uma informação adicional ou uma opinião. “Todos os dias”, costuma-se dizer, “o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu”. Assim, a educação podia durar a vida inteira. (Bâ, 2010, p. 203)

Ao contrário da tradição européia, “nas culturas africanas, os momentos de aprendizados e ensinamentos, o fazer, o sentir e o se emocionar não estão separados, acontecem simultaneamente” (SILVA, 2011, p. 133), isso vai dialogar diretamente com a proposta e reflexão sobre os processos educativos em sala de aula que faço junto com os alunos.

A VOZ DOS(AS) EDUCANDOS(AS)

Por sua vez, o(a) professor(a) só ensina em termos verdadeiros na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se apropria dele, em que o aprende. Neste caso, ao ensinar, o professor ou a professora reconhece o objeto já conhecido. Em outras palavras, refaz a sua cognoscibilidade na cognoscibilidade dos educandos. (FREIRE, 2008, p. 112)

O tempo que estou lecionando violão como professor e arte-educador vem me mostrando que a prática educativa pode ser, e deve ser, libertadora tanto para o educador como para o educando, no sentido de desenvolver sua curiosidade, percepção de mundo, subjetividade, se conhecer e estimular a autonomia na busca e construção do conhecimento. Essa prática não pode ser desassociada do ambiente, do mundo em que vivemos. Essa interação constante com os educandos, com o ambiente e comigo mesmo me levou a pensar que a minha prática educativa deve estar em constante mudança e que existem valores e ideais que devem fazer parte desse momento.

É com base nessa reflexão que venho tentando trazer a subjetividade, afetividade, e criatividade para as práticas em sala de aula, isso mesmo, tentando, com coragem e esforço, porque acredito que estou caminhando e isso é um construir constante. De

acordo com Paulo Freire: “A mudança de compreensão, de importância fundamental, não significa, porém, ainda, a mudança do concreto” (FREIRE, 2008, p.38). Acredito que a partir do saber de experiência em sala de aula será possível, aos poucos, uma mudança mais concreta.

Um ponto importante para essa mudança é provocar que o educando se assuma como tal, e para isso é preciso e necessário da parte do educador a compreensão do educando não como um mero depósito de informações:

O educando se torna realmente educando quando e na medida em que *conhece*, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai *depositando* nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos (FREIRE, 2008, p. 65)

Para o(a) educador(a) reconhecer o educando como tal é necessário conhecê-lo e escutá-lo:

Somente quem escuta pacientemente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que em certas condições precise falar *a ele*. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala *com ele* como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com ele*. (FREIRE, 1996, p. 111)

Através de uma fala com o educando é que o(a) educador(a) consegue interagir de fato e acessar o seu “aqui”. Para Freire “é preciso que o(a) educador(a) saiba que o seu “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando” (2008, p. 81) e acrescenta:

No mínimo, tem de levar em consideração a existência “aqui” do educando e respeitá-lo. No fundo, ninguém chega *lá* partindo de *á*, mas de um certo *aqui*. Isto significa, em última análise, que não é possível ao(a) educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiência feitos” com que os educandos chegam à escola. (FREIRE, 2008, p. 81-82)

É com base nesses valores e ideais que busquei realizar uma prática diferente em sala de aula, me colocar a caminho, me deslocar e partir do saber de experiência feito junto com os educandos para depois realizar uma reflexão sobre as nossas aulas.

EM RODA: Onde tudo acontece, gira e se transforma

No início da atividade percebi que as principais reações são de desconforto ao propor uma relação entre o grupo sem os violões, alguns se sentiram à vontade, mas a maioria ainda não. Eu penso no violão como extensão do corpo e que ao tocar as crianças sintam a mesma naturalidade com que utilizam o telefone celular. Em contrapartida, sinto e percebo que para alguns os violões são uma espécie de “escudo” para o seu corpo e voz. É importante nas aulas de violão o não uso do instrumento para que o corpo e a voz dos alunos fiquem expostos para a turma e para eles mesmos, assim serão capazes de conhecer esse corpo que muitas vezes sofre uma relação de opressão marcada pela sociedade. No decorrer desta parte do artigo trarei alguns relatos feitos pelos educandos e educandas após as atividades realizadas nas aulas de violão.

Para mim eu achei bom, pois além de trabalharmos a coordenação motora exercitamos nosso corpo e no divertimos. Eu me senti muito bem, pois foi divertido e um pouco engraçado. (Camila)

Para desenvolver a atividade sem o violão, a partir do corpo, foi necessário uma disposição e confiança para o(a) educador(a) que vai utilizar o seu corpo também. Acredito que se o(a) educador(a) transmitir alegria e segurança para a turma a prática vai ter sucesso, se o(a) educador(a) hesitar a prática pode falhar. Muitas vezes deixo de realizar algo com receio de falhar perante a turma. Esse é o tipo de pensamento que estou em desconstrução já que eu como educador só vou ser capaz de realizar a atividade com segurança e confiança a partir da prática da mesma. É também por meio do saber de experiência feito que vou me descobrir, é junto com os educandos que vou me desenvolver nessa atividade. Ao realizar as atividades eu deixo claro para todos que para mim é uma experiência nova e estamos juntos nessa novidade.

Nessa prática não existe o certo e o errado e nem deve existir. É um momento onde os corpos se expressam e toda forma de expressão deve ser aceita e respeitada.

Eu achei bom errar brincadeiras porque ajuda um pouco a perder a timidez e todo mundo se diverte e dá risada. (Kailane)

Eu diria que a turma ainda não está acostumada a utilizar seus corpos e não tem real conhecimento dos mesmos, me incluo também. Os educandos colocam um nome para isso, dizem que é a timidez.

A timidez foi tensa, mas fez muito bem. (Rafael)

Uma vez estando sob o controle da timidez ou qualquer inibição de si mesmo que transpareça na voz e no corpo em movimento, o grupo foi se fortalecendo e com respeito ao próximo foi possível vivenciar a prática de uma maneira saudável.

Eu achei legal. Eu acho que assim o grupo, todo mundo, consegue pegar o ritmo e ajudar uns aos outros. Assim ninguém fica para trás e ajuda a perder o medo de tocar pra sala e ajuda o outro. (Samira)

Outro relato de que o grupo caminha melhor quando está junto.

Acho que a atividade tira da zona de conforto, e mostra aos mais novos que ninguém sabe tudo. Aprendemos uns com os outros, ou melhor, evoluímos juntos. (Ana)

E quando o grupo está junto ele também está receptivo para cada indivíduo, aceitando e conhecendo suas diferenças e qualidades.

Este exercício ajudou a compreender melhor o gosto musical de muitos alunos, pois ao criar uma frase, o aluno coloca ritmos que gosta. Pessoalmente, o exercício me ajudou a criar ideias de ritmos que eu posso aperfeiçoar futuramente, além de melhorar minha técnica com o violão. (Lucas)

Essa idéia aparece em mais relatos:

A idéia de improvisar foi muito legal porque cada um mostra um pouco do que sabe e podemos conhecer mais de cada um. (Higor)

Essa atividade Foi legal e divertida, assim como também ela ajuda todos os alunos a interagiram e conhecerem melhor os seus amigos de curso! (Larissa)

Achei ótimo porque eu ouvi as frases dos meus amigos. (Beatriz)

Os relatos dos mais novos de 8 a 10 anos:

Eu achei bem legal porque mexe com a imaginação. (Kaique)

Eu achei da hora. Foi muito interessante e criativo. (Yan)

Queria agradecer meus pais, meus irmãos, minha família por este momento tão glorioso e poder desfrutar este sentimento de alegria, conhecer mais pessoas que aprendem bem e curtem musica. (Mateus)

Eu gostei das frases. Quando eu ouvi aquela batida eu amei, eu achei muito legal. (Gabriel)

Eu gostei muito, mudou meu jeito de tocar o violão. Legal. (Jeniffer)

O relato a seguir, em especial, me faz pensar como esse tipo de prática é importante para a compreensão de que a criatividade em sala de aula não é algo exclusivo do professor, pode e deve se dar com todos e todas do grupo.

Eu achei esse estilo de aula bem legal, meio diferente, mas legal, é bom diferenciar um pouco, isso pode tornar cada dia diferente, sem esperar o que pode acontecer, espero que a criatividade do professor nunca acabe, e melhore cada vez mais, é isso! (Wallace)

O próximo relato apresenta espontaneidade, e como a princípio pode ser difícil de fazer algo livremente. Primeiro ele se sentiu pressionado, nervoso e com medo de errar, depois ele sente que é possível criar, e se revelar. É libertador.

Eu achei difícil e divertido e engraçado, às vezes eu pensava uma coisa e saía outra. Eu senti que eu tava pressionado, eu ficava nervoso e com medo de errar. Agora eu to com vontade de criar nota em casa. Eu percebi que embora ninguém soubesse a frase, pegaram muito rápido. Na primeira vez que eu fiz a frase fiquei morrendo de medo, me deu branco. Mas mesmo assim foi “bueno” (espanhol) para eu aprender a me revelar, eu acho. (Guilherme)

Realizei a atividade de criação com os adultos também e pude perceber a dificuldade e a preocupação, medo de “errar”. A atividade se deu de maneira diferente, a inibição da turma na hora de se expor, de mostrar sua idéia, de se expressar é maior em relação aos adolescentes.

Foi um início muito bom (só a inibição nos deixa mal) dentro do que o professor quer. A gente erra muito, ao decorrer da aula vamos pegando algo. Temos vontade, mas vamos conseguir com certeza... (Emily)

O relato dos adultos traz uma aproximação com a idéia de que nas aulas de violão a prioridade não está em um estudo da técnica do instrumento por si só. A aula de violão é uma prática social onde acontecem aprendizados, ensinamentos e trocas para a vida.

As aulas de violão administradas pelo professor Leandro estão sendo para mim refúgio, libertação, alívio para a minha vida, estou com problemas de saúde e cada dia que passa sinto minhas forças indo embora, mas quando chega a aula de terça-feira o professor proporciona momentos maravilhosos, atenção ele sempre está pronto para ouvir e respeitando a individualidade de cada um. Leandro obrigado por você existir na minha vida você faz a diferença, gosto muito da organização da sala em roda, meia lua, principalmente do cuidado que você tem na hora de guardar os violões e as estantes. Gostaria muito de aprender a tocar musicas infantis, tenho muita dificuldade de tocar acordes, precisava de exercícios fáceis para treinar em casa. A turma é legal e nos intervalos o momento que conversamos e até desabafamos. (Ivani)

As práticas sociais estão presentes em diversas atividades do nosso dia a dia e também nas aulas de violão.

Nelas, as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los. (OLIVEIRA e Col 2014 p 6)

Através das aulas de violão é possível uma interação entre o grupo de maneira a rever alguns conceitos e valores. Uma educanda está no grupo muito antes de eu chegar, pertence à primeira turma de alunos adultos formada na Fábrica de Cultura do período noturno. Sou o quarto professor a chegar à turma e ela percebe como as diferentes maneiras de se relacionar de cada um contribuem no seu desenvolvimento. É o saber de experiência que conduz a prática social do ensino do violão, através das experiências singulares de cada professor e de cada turma que a aluna pode rever e descobrir diversas maneiras de aprender.

Todas aulas para mim têm sido ótimas. Como já passei por vários professores e cada um com um modo diferente de ensinar. Eu descobri maneiras diferentes de aprender, principalmente músicas simplificadas que para mim foi uma grande descoberta, eu comecei a selecionar várias músicas simplificadas. Quando eu começo a tocar e cantar eu não quero mais parar. (Nadir)

Outros relatos também trazem esse olhar para dentro de si onde os educandos (as) se reconhecem em cada nota que tocam no violão. Para eles o violão é também um meio, um caminho, um instrumento para desenvolver a sua criatividade.

Eu achei muito interessante porque aguçou meu lado criativo, reconhecendo o ritmo e colocando a minha própria nota. Fiz também meus primeiros acordes na seqüência fazendo as trocas dos dedos com menor dificuldade. Obrigado por acreditar em nós! (Joaquim)

Neste próximo relato o educando (a) também exalta como a criatividade deve fazer parte das aulas de violão.

Com criatividade, acertos e erros, pontos positivos, uma aula com incentivo e novidades. Criar sons diferentes com batidas vindas do violão Aulas com gosto de quero mais. Minhas amigas aprendendo a fazer acordes, um belo som para o meu ouvido. Desejo que tenhamos progresso. Obrigado por nos dedicar esses momentos proveitosos. (Ana)

Para desenvolver esse lado criativo é necessário dar espaço para a emoção, intuição e subjetividade de cada indivíduo da turma, inclusive do professor. A partir desta proposta cada aula e cada turma se diferenciam a partir das experiências que acontecem em cada uma, a partir da interação e convivência de cada indivíduo. Com o passar das aulas os educandos (as) se “soltam”, perdem a timidez, a partir de uma relação afetiva de pessoa para pessoa. O violão se torna um meio para este fim.

Eu achei há aula de hoje interessante. Pelo fato de ser algo diferente e inovador novas experiência, algo novo de se experimentar, acho que deveria ter mais para as pessoas se soltar, tirar a timidez, e se relacionarem mais com as outras e o violão e para cada uma também, entender o ritmo de cada uma. Então sendo assim apoiava mais vezes aulas assim. (Claudomiro)

Nem todos da turma têm uma visão positiva sobre a aula no que diz respeito a trazer jogos e práticas que priorizam a criatividade e a interação entre todos da turma. Não estou falando sobre a timidez que bloqueiam alguns. Digo sobre a negação da prática mesmo:

Quanto ao trabalho de percussão “batuque” no início da aula não gosto, pois ao meu ver foge do objetivo principal da aula que é de tocar violão. Por outro lado aumenta o repertório auditivo, motor dos alunos. Como a aula engloba uma variedade de faixa etária se torna difícil determinar o que é bom e o que é ruim, pois uns vem para se distrair, outros para socializar e outros para “tentar” tocar violão. Acho válido as dinâmicas que possibilitam o aprimoramento para que um dia enfim eu alcance a proeza. Como tenho muitas responsabilidades em minha vida pessoal, quando considero as atividades alheias ao objetivo de aprendizado (de tocar o violão em si) me arrependo de ter saído de casa. Não me leve a mau. Eu sei que para a maioria, inclusive para meu pai, as aulas são de grande importância. É que tenho muitos compromissos/responsabilidades. Vivo cansada. Não ligue para mim, sei que sou chata. (Marisa)

Diferente das crianças que estão se desenvolvendo e em processo de formação, os adultos trazem marcados em seus corpos a educação eurocêntrica com seus valores consolidados, assim com salientei isso em minha formação na qual estou e estarei em desconstrução durante a vida, uma educação que nega a intuição, a subjetividade e a convivência afetiva na prática social de tocar violão. Podemos perceber neste último relato, um estranhamento nessas práticas coletivas e a dificuldade de se adaptar. Marisa nos traz uma visão sobre as responsabilidades, sobre o que é ser sério e importante, é possível perceber então uma associação direta sobre a metodologia aplicada com algo que não seja sério ou que vá contra ao objetivo que é tocar o violão. O projeto de educação difundido e valorizado ainda em nossas escolas traz esta dicotomia do que é sério, importante, necessário e geralmente coloca a brincadeira, o jogo, ou seja, toda a expressão do corpo nas interações dos processos de ensino e aprendizagem em lugar menos importante. A partir desta reflexão, é possível perceber que a construção do conhecimento ainda é feita de maneira a privilegiar apenas a razão com pouca participação do corpo, das brincadeiras, do diálogo, do afeto e da sensibilidade.

Os relatos a seguir trazem o desafio, a vontade de aprender e o gosto pelas aulas de violão:

Minha primeira aula gostei, professor gente boa, não vejo a hora de aprender a tocar um pouco, amo violão, espero aprender rápido, valeu prof. (Carlos)
Achei muito bom aprender coisas diferentes. Tudo que aprendemos valeu a pena. No começo tive um pouco de dificuldade, mas depois foi muito bom. (Clóvis)

Eu amei a aula, descontraída, animada. Foi uma aula onde o professor dava um ritmo e cada aluno ia seguindo cada um com sua timidez ia tocando tentando fazer o seu melhor. Eu particularmente estou amando essas aulas porque assim não tem rotina nem stress. (Sônia)

Nunca toquei violão, estou gostando, o professor é dinâmico e ensina bem. Espero que eu aprenda um pouco, pois a dificuldade toma conta, sou um pouco difícil para aprender as coisas, mas vamos lá, é um novo desafio e sempre bom aprender. (Celina)

A partir das reflexões e dos relatos apresentados pelos educandos/as, acredito ser assim possível uma troca de experiências de vida que vão se refletir positivamente na

prática social do ensino do violão, baseada na convivência, na interação e na aceitação de todos os indivíduos do grupo.

ABRINDO CAMINHOS: Um novo olhar, um novo horizonte

Neste processo de leitura e escrita do artigo com minha orientadora percebi uma mudança, uma transformação chegando aos poucos para mim, uma maneira nova para enxergar as aulas. Penso que quando entro na sala de aula e estou presente, meu corpo e minha voz carregam minhas experiências de vida, recentes ou não, e isso também acontece com cada educando e educanda ali presente, eles também trazem a si mesmos. Se todos estão dispostos algo pode acontecer ali.

Através das atividades de improvisação realizadas com as turmas e dos registros dos alunos que estão presentes aqui no artigo, me senti mais solto, mais à vontade para criar algo ali no momento da aula, sem hesitar! É possível criar algo no momento da aula, e esse pode ser o principal eixo a seguir. Posso ser um professor como tenho sido ultimamente, trazer algo para compartilhar com a turma, adaptar e transformar juntos e formar o repertório de canções do semestre, mas nesses últimos meses tenho arriscado mais. Criei três canções em sala de aula com os alunos, canções para a primeira corda do violão: “Canto para a primeira corda”, “Homenagem para a primeira corda” e “Rumba na primeira corda”. A princípio está sendo difícil e desafiador, mas sei que com paciência e prática da criação na sala de aula junto com os alunos, o tempo vai passar e vou amadurecer esta nova maneira de ser e agir.

Canto na primeira corda

Turma adultos

Homenagem para a primeira corda

Turma adolescentes

Rumba na 1ª corda

Turma adultos

É possível encontrar caminhos para a criação nos processos educativos e práticas sociais em sala de aula. Esta prática vai ser positiva no desenvolvimento e formação das crianças, no seu despertar e no seu agir. Criando em sala de aula as crianças vão aprender

a soltar a sua voz sem hesitar e vão ser mais ativas ao interagir com o mundo. Uma metodologia que se pauta na confiança, no afeto, na criação, no respeito, na aceitação e por fim na convivência.

Acredito que para se chegar nesse fim é necessário aceitar e respeitar a si mesmo primeiro, para depois poder aceitar e respeitar o outro, conforme Maturana: “sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social” (2001, p.31). Para que aconteça o fenômeno social ou prática social de fato, é necessária a convivência que, para Maturana, vai se fundamentar na aceitação do outro e que vai se fundamentar na emoção do amor:

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social. (MATURANA, 2001, p. 23-24)

A convivência entre os indivíduos de determinado grupo, e no meu caso das turmas de violão, é que vai sempre dar suporte para uma prática social saudável onde podem acontecer trocas e ensinamentos para a vida. Para Silva: “o aprender e o ensinar não são fundamentados em teorias, conceitos ou planos de aula, mas sim na experiência e na convivência” (2011, p. 111), é necessário ter sensibilidade:

É imprescindível na convivência ter sensibilidade para as dinâmicas da comunidade, sensibilidade para ver, sentir a paisagem, mas também enquanto desejo entendê-la; um entendimento que vem ao longo do tempo, na convivência [...] A sensibilidade ... é um processo de aprendizagem. É na convivência que se constrói esse processo, esse desejo de entender (OLIVEIRA e STOTZ, 2004, p.8; APUD SILVA, 2011)

Acredito que o amor, a aceitação e o respeito para com a gente mesmo e para com os outros, na convivência e na sensibilidade, são caminhos para buscar uma prática social através de uma perspectiva descolonizadora. O primeiro passo para o educador(a) é escutar os(as) seus(as) educandos(as), para evitar ser apenas um transmissor de

conhecimentos. A escuta e as rodas de conversa auxiliam no processo de desconstrução de possíveis pré julgamentos e preconceitos, e nos possibilita estarmos abertos para toda a experiência de vida que os(as) educandos(as) carregam nos seus corpos.

A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo antigo ao invés de manter-se à escuta. (Bâ, 2010, p. 214)

A educação tradicional africana, invisível e subjulgada pelo colonizador, valoriza as experiências de vida e as iniciações em determinados ofícios. Através desse olhar é possível rever a minha prática social do ensino do violão onde para improvisar, por exemplo, é necessário experimentar o improvisado e a criação, experimentar e viver esse momento.

A educação tradicional [africana], sobretudo quando se diz respeito aos conhecimentos relativos a uma iniciação, liga-se à experiência e se integra à vida. [...] Existem coisas que não “se explicam”, mas se experimentam e se vivem. (Bâ, 2010, p. 183)

Deste modo, as aulas e o tocar violão vão aos poucos, esculpindo, proporcionando diferentes experiências a cada um presente nesta prática social. É fundamental vivenciar esses momentos em sua totalidade por meio da emoção, subjetividade e experiências de vida de cada um. Isso vai contra uma perspectiva colonizadora que busca um acúmulo de conhecimento e informações que nem sempre são vividas.

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é *vivido*, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. (Bâ, 2010, p. 190)

Penso que a tradição oral tem muito a nos ensinar e pode ser um caminho para o autoconhecimento e formação de cada indivíduo em sala de aula. Através das trocas e experiências de vida, baseadas no amor e na aceitação e respeito entre todos é possível uma prática social a partir de uma perspectiva descolonizadora, onde o violão é um caminho, um meio, um instrumento para esse fim. “A tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é *geradora e formadora de um tipo particular de homem*”. (Bâ, 2010, p. 190).

Assim, penso que o compromisso social que temos enquanto educadores nos coloca em um lugar de repensarmos seriamente as possibilidades de viabilizarmos diferentes experiências aos nossos grupos de educandos e educandas. Experiências que possibilitem vivenciar e conhecer práticas culturais diversas, pautadas em contextualizações e reflexões críticas acerca de nossas realidades, para que assim possamos nos formar para a vida, considerando o projeto de mundo que buscamos. Projeto este que busca, valoriza e reconhece, como já apresentado neste artigo, metodologias baseadas em epistemologias descolonizadoras.

BIBLIOGRAFIA

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. **In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo.** – 2ª ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan./fev./mar./abr. 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto R. e; VARELA, Francisco J. , **A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana**. 9ª edição, São Paulo: Palas Athena, 2001.

OLIVEIRA, MariaW.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aínda V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 32. Sociedade, cultura e educação: novas regulações. 2009, Caxambu-MG. **Anais...**Caxambu: ANPED, 2009.

PINTO, Henrique. **Violão m olhar pedagógico**. São Paulo: Ricordi, 2006.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Roda de conversas: Excelência acadêmica é diversidade. **Educação**, Porto Alegre/ RS, ano XXX, n.1 (61), p.53-92, jan./abr. 2007.

SILVA, Vívian Parreira da. **Do chocalho ao bastão: Processos educativos do terno de congado mineiro de São Benedito – Uberlândia – MG**, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.